

O que há de autêntico em uma mãe inventada – Oluwa Seyi

Por Adele Grostein¹

*“a água importa, mas é a devoção
- às plantas e aos poemas -
que faz germinar”*

Todos os dicionários da língua portuguesa são consensuais em registrar os sentidos opostos dos termos “autêntico” e “inventado”. De acordo com a descrição objetiva da língua, as palavras inventadas não passam de imaginação; a dor, para ser autêntica, deve ser legitimada por quem não a sente; a maternidade inventada é reduzida a mero devaneio imaginativo.

Verdadeiro, real, legítimo *versus* falso, artificial, virtual. Para sorte e deleite do leitor, a inventora de palavras Oluwa Seyi sabe que a língua não é maniqueísta. A subversão da jovem autora se revela desde o título de seu livro de estreia, em que ela ousa conciliar poeticamente palavras que o rigor dicionarístico insiste em opor.

Na poesia de Oluwa, passado e futuro, finitude e eternidade, infância e velhice, autenticidade e invenção se opõem. Mas também coexistem, se entrelaçam, se complementam e se reinventam, concebendo significados novos, surpreendentes, verdadeiramente poéticos.

Em cada um dos 35 poemas de *O que há de autêntico em uma mãe inventada*, a escritora desnuda novas acepções de antigas palavras. Ela nos mostra que “inventar” também significa tornar real, extrapolar a imaginação, criar. A poeta cria palavras, realidades, tempos, filhos e inventa uma mãe.

Para além de definições vocabulares limitantes, a mãe inventada no livro não é falsa ou artificial. Pelo contrário, ela adquire concretude nos versos e nas páginas. A mãe criada por Oluwa é, ao mesmo tempo, desejo, medo, espera, frustração, consolo, revolta, serenidade, realização. É mãe-literal, mãe-corpo, mãe-mamífera. No entanto, o sentido literal das palavras não basta para a obra da autora. Sua mãe inventada também é mãe de poemas.

¹ Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (início no 2o semestre de 2021). Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (conclusão no 1o semestre de 2021). Foi bolsista de Mestrado pela Fundação São Paulo (FUNDASP). Possui Graduação (Bacharelado) em Letras - Português e Linguística pela Universidade de São Paulo (2015). Possui Graduação (Licenciatura) em Letras - Português pela Universidade de São Paulo (2015).

Era mesmo natural que a metalinguagem fosse tema central no livro de uma escritora tão consciente de seu processo inventivo. Os eu líricos criados por ela não refletem apenas a respeito de seu fazer literário, mas também sobre sua condição de herdeira, de ancestral, de mulher, de negra.

As 5 partes do livro em que os poemas-filhos são dispostos constroem um processo de gestação que leva ao nascimento da poesia e ao autoconhecimento. Como parte desse processo de autorreflexão e de consolidação identitária, também são homenageadas mulheres que vieram antes, que ajudaram a abrir caminhos hoje percorridos, marcados e alargados por Oluwa e por tantas outras artistas negras.

Assim como toda manifestação artística, à Literatura não cabe nenhum compromisso. Ela não tem obrigação de transformar a sociedade, de consolar, de ensinar, de fortalecer os leitores. A Poesia deve satisfações somente a si mesma. Porém, mesmo assim, Oluwa é suficientemente generosa a ponto de se posicionar politicamente, de nos acolher e inspirar, encorajando-nos a dar à luz “tudo aquilo que queira nascer dentro de nós”.